

A PIAF

Maria Lúcia Dal Farra*

Um pássaro pousou no poema de Sena, a 6 de outubro de 1964, quatro dias antes da comemoração de um ano da morte de Edith Piaf.

Não é uma andorinha viajadora, mas bem poderia ser, pois que andarilho e só, furou ventos, magoou-se, despencou, perdeu penas e penou.

É um pardal, um pequeno pardal escuro que, no entanto, cumpriu a vida como o rouxinol de abril, aquele de que fala Cocteau. Aquele que, em meados da Primavera, experimenta o canto, inaugura a garganta, raspa a voz nas cordas tensas e virgens, gorjeia, tateia o som, rasca, tresanda, pia, erra, e, por fim, solta sobre o nosso ouvido a onda de veludo negro que nos engolfa.

Essa ave é a Piaf da “boca de sombra”, da voz miraculosa e oracular.

Ela tem na garganta um motor gutural de incomensuráveis cavalos e corcéis claros, um projétil que ascende e ascende com sua energia as asas do sofrimento e da alegria.

Mas agora quem canta no poema pousado é a voz do Sena, que é maior do que o rio que corre pela minha aldeia. E que desliza funda e apressada, sem tropeços, fluente como o líquido das sílabas passando por cima de pedras, acentos e relevos ortográficos, sem paragem, em grandes golfadas.

Águas que requerem muito fôlego para serem atravessadas e pronunciadas. Pelo menos os dezessete versos da primeira das duas únicas estrofes, que são um jorro só de quase contínuos enjambements feito, que pedem o socorro de um hausto excepcional – o do próprio rouxinol.

Só *La Môme Piaf* seria capaz de cantá-los, num único alento, a essa simples oração principal de um verbo escasso que, no entanto, prolifera, cresce por todos os poros, escapa pelos seus dedos de “lagarto de ruínas”, dilata o seu peito estreito e magro, que distende, alonga, prolonga, propaga e multiplica o seu corpo miúdo e frágil, que então se entrega à paralisia da feroz artrite, ao

ponto final – à morte. Desfraldada, mutilada, deformada – transfigurada no anjo negro do palco – a sua humanidade, a sua epifania.

Ela mesma é a “sombra de luz”, vibrando como estrela na noite queixosa a se embrenhar na *foule* parisiense, no imo da solidão de cada um, teimando em resistir. E, feliz, nos convida à valsa suburbana, às “vielas do amor/e do mundo”, para vadiarmos na sua companhia.

É Piaf quem adivinha a vida que não se vê – exactamente ela, a dos olhos azuis de malva e de clarividência. Olhos abusados por uma visão de súbito reavida, espanto de criança nascida às pressas, na calçada, na urgência de entrar pelo mundo afora, de deixar para trás o *bas fond* só para retê-lo na voz canalha e irreverente *pour toujours*, na rouquidão rebelde do *ça ira*, na doçura amante da lua quando hasteia o seu lençol.

Cabelo ralo de pintainho molhado, órfã de pais e de filha, ela é menos que um corte de saia – quase um metro e meio de assombro. E, no entanto, é um sacrário, um porta-jóia, onde se escondem os seus *petits fantômes* – um povoado inteiro de perdas. Nem mesmo seu homem de confiança, seu combatente, o pugilista, o campeão, o mítico *Legionnaire* tem força suficiente para arrancá-los de lá. Melhor a eles se agregar, espremido na dor de um peito tão repleto e tão exíguo.

E o poema e o seu *acordeón* giram infindáveis nesse baile da morte e da vida, como um carrossel onde nos encontramos e nos perdemos. Diante do Sena, ela canta, pobre ceifeira! Só ela detém a ciência dessa dor, porque conhece o desespero de ser gente – “entre os homens que o são tão pouco.”

* Titular da Universidade Federal do Sergipe e pesquisadora do CNPq. Foi professora na USP, na Unicamp e em Berkeley. É autora de mais de centenas de ensaios sobre literatura portuguesa, brasileira, africanas de língua portuguesa etc, e tem livros sobre Vergílio Ferreira, Herberto Helder, Florbela Espanca. É poetisa e prêmio Jabuti.